

GRUPO DE ESCUTA SENSÍVEL
ANALITICAMENTE
ORIENTADA PARA
PROFESSORAS DE UMA
ESCOLA PÚBLICA DE SÃO
PAULO COMO ESTRATÉGIA
DE ENFRENTAMENTO DA
PANDEMIA COVID - 19



V SICCAL

[GT3 - FEMINISMOS E RELAÇÕES ETNICORRACIAIS]

Edclay Lindoanna Oliveira de Melo

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), São Paulo, SP

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este artigo trata das relações construídas entre as integrantes de um grupo de apoio psicológico, oferecido em uma escola pública do município de São Paulo vinculado a um projeto temático da Faculdade de Educação da USP, como estratégia de enfrentamento aos impactos da pandemia e de interlocução entre a universidade e a escola. A descaracterização do trabalho dos professores em virtude da burocratização da educação, sobrecarga de trabalho e opressão de gênero e raça reacenderam questionamentos que foram apontados no grupo e acolhidos a partir da psicanálise e do pensamento feminista negro, recorrendo a autoras como bell hooks (2017) e ngela Davis (2016), e do pensamento decolonial. Concluimos, ressaltando a relevância de psicólogos nas escolas e do grupo composto por mulheres como dispositivo de enfrentamento em tempos pandêmicos.

Palavras-chave: Educação. Psicologia. Interseccionalidade. Grupo. Pandemia.

This article deals with the relationships built between the members of a psychological support group offered to teachers of a public school in the city of São Paulo linked to a thematic project of Faculdade de Educação da USP(School of Education from University of São Paulo), as a strategy for coping with the impacts of the pandemic and through the access between the university and the school. The mischaracterization of the teachers' work, work overload and subjects such as racism and gender roles reignited issues amongst teachers, emerging in the group and supported by the psychoanalytic perspective, black feminist thoughts along with authors such as Bell Hooks (2017) and Angela Davis (2016) and decolonial thinking. We conclude by emphasizing the relevance of psychologists in schools and the women's group as a coping device in pandemic times.

Keywords: Education. Psychology. Intersectionality. Group. Pandemic.

Este artículo trata de las relaciones construidas entre las integrantes de un grupo de apoyo psicológico ofrecido a profesores de una escuela pública del municipio de San Pablo vinculado a un proyecto temático de la Facultad de Educación de la Universidad de San Pablo, como estrategia para hacer frente a los impactos de la pandemia y la vía de acceso entre la Universidad y la escuela. La descaracterización del trabajo de los profesores, la acumulación de trabajo y la jerarquía de género reavivaron preguntas entre los profesores, surgiendo en el grupo y aceptadas a partir de las perspectivas psicoanalíticas, desde el pensamiento feminista negro con autoras como bell hooks (2017) y Angela Davis (2016) y del pensamiento decolonial. Concluimos haciendo hincapié en la relevancia de los psicólogos en las escuelas y el grupo compuesto por mujeres como dispositivo de afrontamiento en tiempos de pandemia.

Palabras clave: Educación. Psicología. Interseccionalidad. Grupo. Pandemia.

Introdução

O presente artigo tem o propósito de apresentar a pesquisa realizada com um grupo de escuta sensível, analiticamente orientada para professoras de uma escola pública localizada em uma região periférica da zona norte de São Paulo. O objetivo do grupo era disponibilizar um espaço para reflexão acerca dos impactos da pandemia na saúde mental de professores e estava vinculado ao grupo de pesquisa *Raça, gênero, etnomatemática e culturas afro-brasileiras - relações étnico-raciais e diversidade de gênero na construção de uma epistemologia afro-brasileira e feminista nas escolas públicas de São Paulo*, em desenvolvimento em quatro escolas públicas em regiões periféricas, sendo três na capital e uma na região metropolitana de São Paulo. Trata-se de uma pesquisa-ação, qualitativa, de cunho etnográfico e analiticamente orientada para a diversidade coordenada pela Professora Dra. Mônica Guimarães Teixeira do Amaral da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. O grupo de pesquisa tem se dedicado à temática étnico-racial e descolonização do currículo escolar, articulando a educação de modo mais significativo, buscando correlacionar com produções culturais juvenis, como o hip hop e o rap, por exemplo. Objetiva promover a descolonização de discursos, atitudes e práticas no espaço escolar de modo a permitir o questionamento das hierarquias (de gênero, raça, classe, etárias), possibilitando a emancipação e o empoderamento dos jovens da periferia.

Tal projeto é relevante, pois se vivencia, no Brasil, um processo de sucateamento da educação, favorecendo o modelo

neoliberal. Esse processo teve início nas reformas educacionais da década de 1990, que visavam à descentralização do planejamento e gestão escolar sendo regida por “[...] princípios relacionados às teorias de administração de empresas, obedecendo os critérios de produtividade, eficácia, excelência e eficiência” (AMARAL, 2016, p 50).¹

Sendo assim, o grupo de escuta sensível analiticamente orientada surge como um espaço de suporte às professoras em que foi possível dialogar sobre a docência e aspectos emocionais que atravessam esse fazer. Em tempos de pandemia, mostrou-se uma ferramenta de grande valia e resultados frutíferos para a comunidade escolar como um todo. Também possibilitou a criação de vínculo entre a pesquisa e a escola, de modo mais significativo, ou seja, inserindo-se na escola e entendendo esta como um território em constante movimento, com peculiaridades e desafios que, através do olhar da psicologia, faz possível traçar novas rotas.

A escuta desenvolvida no grupo teve como referência a análise da dinâmica grupal de Bleger (2011), os espaços intersticiais nas instituições e sua relevância, considerados a partir de Fustier (2012) e o pensamento feminista negro, colaborando, também, com reflexões sobre autocuidado e a relevância de tensionar classe, raça e gênero na escola segundo a escola de hooks (2013, 2019).

¹ O grupo teve início em Abril de 2021 e foi finalizado em Julho de 2021. No entanto, a pesquisadora permaneceu na escola promovendo grupos entre os professores com a finalidade de discutir sobre caminhos possíveis para pensar e incluir saberes de culturas subalternizadas no currículo escolar tradicional.

Devido à pandemia causada pela COVID-19², a predominância do ensino remoto e suas implicações, a proposta inicial, que seria de um grupo operativo para reflexão sobre as docências compartilhadas, teve seu curso ligeiramente alterado, uma vez que as docências estavam em suspensão por tempo, ainda, indeterminado.

Alterações na condução de pesquisas acadêmicas têm sido frequentes em tempos de pandemia, especialmente em projetos de pesquisa na área de ciências humanas.

Todas as mudanças que acompanhamos com a chegada daquilo que já se nomeou como “a maior crise sanitária dos últimos 100 anos” em algum grau afetaram nosso cotidiano. Nessa leitura, é fundamental que nós, pesquisadores do campo das ciências humanas, possamos olhar para nossas realidades e como elas foram afetadas pela chegada da pandemia da COVID-19 (OLIVEIRA, 2021, p. 94).

Sendo assim, um encontro foi realizado e fatores como medo de contaminação, recordações de professoras que foram acometidas pela doença e pela morte de familiares, mudanças impostas pela pandemia, particularidades associadas ao território periférico onde a escola estava situada, como a dificuldade de acesso dos alunos a recursos tecnológicos para acompanhar as aulas e a sobrecarga de trabalho das professoras, configuraram-se como pontos nodais geradores de estresse.

2 SARSCoV-2 - Síndrome Respiratório Aguda Grave 2.

Aspectos como a rápida disseminação do vírus, seu potencial letal bem como as mudanças na rotina causadas pelas medidas de prevenção afetam a saúde mental da população de modo geral. Com essas particularidades, a pandemia também afetou a saúde daqueles que não foram contaminados diretamente pelo vírus, sendo esperada a incidência de ansiedade, depressão e estresse (WANG, WANG; YANG, 2020). Somando-se aos fatores citados anteriormente, como o sucateamento da educação, torna-se relevante o trabalho desenvolvido pela psicologia nas escolas, em especial das redes públicas de ensino.

A partir desse encontro inicial, o grupo de escuta foi criado objetivando tornar-se um dispositivo que permitisse sustentação aos docentes possibilitando, a construção de uma rede de apoio que pudesse funcionar como ferramenta para lidar com os efeitos da pandemia. Seria possível, também, dialogar com temas relacionados ao objeto de estudo da pesquisa, que emergissem do grupo, partindo de uma perspectiva de base psicanalítica, antirracista, feminista e decolonial, favorecendo a comunidade escolar como um todo. Este trabalho foi realizado em ambiente virtual, com frequência semanal e duração de uma hora e meia. Não houve um número pré-estabelecido de encontros, porém o término estava previsto para julho do mesmo ano, uma vez que iniciaríamos a fase seguinte da pesquisa, que abrangeria o conjunto de professores participantes da Jornada Especial Integral de Formação (JEIF), tendo como principal objetivo a formação de grupo operativo relacionado à docência compartilhada.

Desenvolvimento

O papel central da psicóloga, inicialmente, foi de proporcionar um espaço para que as professoras compartilhassem experiências, angústias e reflexões relacionadas a pandemia. Foi caracterizado como grupo de escuta sensível analiticamente orientada, ancorado na inserção e valorização de saberes de populações subalternizadas, inscrito no que SILVA (2018) nomeia de Epistemologias Atentas, contrapondo a lógica colonial que silencia estes saberes.

Propor um grupo de escuta aos professores foi pensado, também, a partir da observação do diretor da escola, que havia percebido a atmosfera de tristeza e apatia que pairava no local. Por conseguinte, a reorientação do grupo foi necessária: de um grupo voltado para o “acolhimento das angústias suscitadas pelas docências compartilhadas” para um grupo de “escuta sensível analiticamente orientada, ancorada em uma epistemologia atenta, para a compreensão de como a pandemia estava afetando os professores”.

Nesse cenário, o diretor da escola reuniu os professores interessados na proposta, foi feito o convite para a formação do grupo em ambiente virtual, com opções de dias e horários que foram escolhidos prontamente pelos professores. Informamos que a equipe gestora da escola não estaria presente para que os participantes se sentissem mais à vontade. Observou-se, ainda, que uma vez inseridos em um grupo de mensagens, os professores utilizaram o espaço para, também, saber sobre o estado de saúde

uns dos outros o que já indicaria a necessidade de um grupo.

Nessa perspectiva, apontamos a importância dos chamados espaços intersticiais (ROUSSILLON, 1991 *apud* MUSZKAT; WARCHAVCHIK; GOMES, 2019), que ficaram suspensos com o isolamento social. São espaços-tempo, dentro da instituição, que objetivam, de modo indireto, reforçar os vínculos da equipe, podendo ser também um tempo em que se reúnem para lembrar momentos marcantes relacionados à instituição, seja na chegada de um novo membro ou mesmo diante de uma situação crítica que atravessaram juntos, por exemplo (FUSTIER, 2012). É possível que os profissionais também sintam e/ou retomem o prazer de estarem juntos fazendo com que esses “espaços-tempo” possam ser refletidos como o lugar onde circula o afeto na instituição ajudando a manter um clima mais harmônico entre a equipe.

É também um momento privilegiado em que a equipe constrói para si provas de que existem vestígios de um vínculo poderoso entre seus membros, que não se reduz à simples funcionalidade do trabalho, à necessidade racional de colaborar de acordo com as regras profissionais estipuladas pela instituição. Parte do prazer obtido no trabalho não depende apenas do trabalho em si, mas também daquelas experiências que nos lembram da importância de conviver (FUSTIER, 2012, p. 93).

Assim, o que não pode ser elaborado em outros momentos dentro da instituição, pode ser considerado nessas situações. Pensando em um contexto

pandêmico, com o isolamento social, a escola deixou de oferecer este espaço aos professores.

No primeiro encontro do grupo, estiveram presentes oito professoras, dos mais variados ciclos, compartilharam suas vivências e os recursos de que dispunham para lidar com a pandemia e seus efeitos. Medo, impotência, ansiedade e angústia foram os principais sentimentos apontados naquele encontro. Havia, sobretudo, uma preocupação diante da possibilidade do retorno ao ensino presencial, do contágio e sobre o que seria possível esperar para os próximos meses. De acordo com CAO et al. (2020) *apud* RIBEIRO; PEREIRA; GONÇALVES; SAMPAIO, 2020, p. 26): “A experiência de isolamento, a incerteza e as preocupações em relação ao que o futuro reserva terão um impacto psicológico significativo, a curto e longo prazo, na saúde mental das populações que vivenciam a pandemia”.

Observamos a atuação de algumas professoras no sentido de amparar a angústia do grupo, indicando ativamente recursos que poderiam auxiliar a lidar com a situação, revivendo assim o que pode ocorrer nos espaços intersticiais. Ao final do encontro, pontuou-se sobre os principais sentimentos abordados pelo grupo e a fala de uma professora, sobre como reagiu a um acidente, foi utilizada como paralelo ao que o grupo trouxe, pois, assim como a pandemia, o acidente mudou o curso da vida temporariamente, mobilizou diversos sentimentos até que fosse possível lidar com o que era essencial para cada etapa deste processo.

Após o encontro, as professoras relataram que se sentiram aliviadas por

compartilharem suas vivências e por se sentirem acolhidas entre elas. Novamente, tal movimento pode ser interpretado como a indicação de que o grupo funcionou como um espaço intersticial, pois, mesmo em ambiente virtual, configurou-se em um momento que possibilitou troca de experiências, relatos sobre sentimentos e a sensação de que a angústia foi compartilhada e diluída no grupo.

Apesar de não ter se constituído em uma psicoterapia de grupo, o grupo de escuta sensível ancorado em uma epistemologia atenta direcionou-se ao acolhimento e fortalecimento dos recursos psíquicos já existentes entre aquelas mulheres, podendo contribuir, também, como um dispositivo que favoreceu a saúde mental de suas participantes, pois “O fato do sujeito se sentir aceito por outros, de experimentar um espaço de livre expressão para seus conflitos e sua angústia é, por si, um fator terapêutico” (MANTOVANI, 2008, p. 31).

Devido às incertezas quanto ao retorno das aulas presenciais, houve um espaço de duas semanas para alinhar dias e horários para a continuidade do grupo. No segundo encontro, estiveram presentes duas professoras que permaneceram, salvo ausências pontuais, até o término do grupo. Dentre os temas discutidos neste encontro, as professoras apresentaram as incertezas quanto ao grupo de escuta sensível analiticamente orientada, que foram interpretadas como um reflexo da pandemia e das alterações sofridas no cotidiano de todos naquele momento. As professoras relatavam também que, assim como o retorno às aulas, o retorno à vida “normal” parecia cada vez mais incerto. A relação com o tempo preocupava, sentiam que o tempo

passava depressa demais e as demandas sempre tinham caráter de urgência.

Desse modo, foi no terceiro encontro que se estabeleceu a frequência (semanal), dia da semana e horário. Foi proposto um grupo de escuta sensível analiticamente orientado, aberto para quem quisesse participar, sem tema previamente estabelecido, mas que tinha como eixo central refletir sobre a pandemia e seus efeitos e com previsão para se encerrar ainda no primeiro semestre de 2021, para que, posteriormente, fosse focado nas docências compartilhadas. No entanto, caso houvesse alguma intercorrência relacionada à escola, que impedisse a continuidade do grupo, seria realizada uma reunião para refletir sobre as possibilidades. Devido às incertezas frente ao ensino: se remoto, híbrido ou presencial, esse seria o arranjo possível para aquele grupo naquele momento, o que foi fonte de leve desconforto no grupo, pois era mais um local onde ainda não havia uma definição permanente. Assim como em outros aspectos da vida, diante da pandemia, novos arranjos são propostos frequentemente gerando sentimentos considerados “negativos”:

Em certa medida, face a situações desconhecidas e inesperadas (quer de valência positiva, quer negativa), este desequilíbrio é esperado, ou seja, é normal que, temporariamente, as pessoas experienciem alguma vulnerabilidade e precisem ajustar os seus padrões de resposta de modo a retomar o seu sentido de coerência e equilíbrio pessoal (RIBEIRO; PEREIRA; GONÇALVES; SAMPAIO, 2020. p. 27).

No terceiro encontro, as principais angústias relatadas foram relacionadas à adesão ao grupo. Havia certo incômodo, pois

esperavam que mais docentes aderissem, uma vez que sentiam que a escola estava em clima de luto. Concomitantemente, queixavam-se do excesso de demandas, muitas vezes burocráticas demais e que pouco auxiliavam a atravessarem aquele momento, o que também foi considerado pelas professoras como uma possível justificativa para a ausência das demais. Pontuavam que seria importante que todos da escola participassem e, embora houvesse divulgação do grupo e convite direcionado ao corpo docente, apenas seis professoras participaram do grupo.

No entanto, a queixa quanto à sobrecarga pairava sobre o grupo, do início ao fim, o que pôde ser pensado como mais uma forma de exigir excessivamente que os professores estivessem cada vez mais associados a demandas burocráticas, que pouco contribuía para que pudessem estar mais atentos e disponíveis para alinharem seus trabalhos com os ideais da comunidade escolar (AMARAL, 2016), conduta esta que segue avançando a partir de ideais Fordistas implementados na educação desde a década de noventa, focando em um ensino cada vez mais voltado ao mercado de trabalho e que durante a pandemia ficou ainda mais evidente.

Nesse sentido, percebe-se aí outro elemento que também é objeto de estudo da pesquisa: os mecanismos que contribuem para que a educação se torne desinteressante, justamente por estar desvinculada da realidade dos jovens periféricos. Esse é um dos pontos em que o projeto pretende atuar, buscando alternativas para aproximação entre a cultura dos jovens e o currículo escolar, promovendo, assim, uma educação voltada, também, à emancipação,

favorecendo a criatividade e o pensamento crítico.

bell hooks (2019), potente pensadora do feminismo negro, declara em sua obra que a pedagogia engajada deve promover nos estudantes uma visão crítica e criativa de sua realidade. A autora retoma este pensamento com a citação de SHAULL (1970) que, já na década de setenta ao prefaciar a obra de Freire na língua inglesa, assinalava

A educação funciona tanto como um instrumento utilizado para facilitar a integração das gerações mais jovens na lógica do sistema presente e dar conformidade a isso, quanto se torna “a prática da liberdade”, o meio pelo qual homens e mulheres lidam crítica e criativamente com a realidade e descobrem como participar da transformação de seu mundo (SHAULL in hooks, 2019, p. 34).

Ainda no terceiro encontro, salientaram a relevância de compartilhar vivências que ultrapassavam o foco no aspecto pedagógico, tão exigido pela profissão. Era importante estarem reunidas “re-conhecendo” umas às outras naquele momento tão atípico, o que remetia à relevância do vínculo, não só como um elo entre as participantes, mas também como ferramenta que ampliava o sentido do trabalho do professor, especialmente diante de uma crise sanitária mundial. Destacava-se, então, a importância da atuação do psicólogo na escola, pois, através do olhar atento deste profissional era possível pensar alternativas para lidar com a crise considerando também o aspecto emocional.

Em uma perspectiva crítica de atuação em Psicologia Escolar, o Psicólogo

Escolar e Educacional deve desenvolver sua prática a partir de um olhar atento aos determinantes sociais e das questões subjetivas que estão relacionadas aos processos de ensino-aprendizagem e da organização da escola. Esse profissional deve estar comprometido no combate às ideias cristalizadas e psicologizantes em relação à concepção de que as problemáticas educacionais têm raízes apenas no próprio estudante, desconsiderando outros aspectos que atravessam a vida deste (SILVA, ARAÚJO, NEGREIROS, 2021, p.35).

Foi, também, a partir desse sentimento de pertencimento que, no grupo, emergiram angústias relacionadas a temas como racismo e violência de gênero, como serão destacados mais adiante.

No quarto encontro, em busca de fortalecer o vínculo entre as professoras, foi solicitado que se apresentassem utilizando objetos e/ou imagens que as representassem. Essa dinâmica propiciou um clima mais descontraído no grupo e favoreceu, também, a integração de professoras recém-chegadas àquela escola que não tiveram a oportunidade de serem devidamente integradas à equipe devido ao isolamento social e suspensão das aulas. Mostraram-se atentas ao que cada participante apresentava, faziam perguntas e relatavam sobre as semelhanças quanto ao que sentiam e em como se estruturavam para enfrentar o isolamento. Os achados daquele encontro promoveram reflexões sobre a importância de criar e fortalecer vínculos entre elas, processo que, durante o ensino presencial, era possível através da convivência nos espaços intersticiais. Uma vez suprimidos pelas atividades remotas, foi através da

psicologia na escola que houve a possibilidade de apontar e promover reflexões sobre este assunto.

Reitera-se sobre a importância do psicólogo escolar e educacional, especificamente, neste cenário, atuando de forma contextualizada, implicada, ética e reflexiva sobre o impacto dos aspectos psicossociais nos processos educacionais que marcam a vida de inúmeros brasileiros (SILVA, ARAUJO, NEGREIROS, 2021, p. 58).

O quinto encontro teve a participação de três professoras, à medida que entravam na sala, questionavam quanto à presença das demais. Houve um movimento de “busca ativa” de uma participante, ao entrar na sala e perceber que as demais não haviam chegado, esta professora mostra-se, com frequência, como porta-voz de aspectos idealizados do grupo, atuava como protetora daquele espaço, verbalizando sempre que possível, sobre o quanto valorizava estar ali e geralmente direcionando-se em busca de proteger e evitar a dispersão das colegas.

O porta-voz, para Pichon Rivière,

“(...)é aquele que, num grupo em determinado momento diz algo, enuncia algo, e esse algo é o sinal de um processo grupal, é como uma descoberta. (...) o porta-voz não tem consciência, no momento de enunciar algo, da significação grupal que tem esse algo; ele enuncia ou faz algo que vive como próprio. (PICHON RIVIÉRE, 2009, p.265).

Através de relatos sobre a vida pessoal, as professoras foram alinhavando suas

experiências com situações vivenciadas com os alunos. Refletiram sobre a importância do autoconhecimento nesse processo, para que fosse possível ofertar escuta sensível e potente aos alunos, sem perder de vista suas fragilidades, corroborando a articulação que hooks (2013) faz sobre a autoatualização, que caminharia em oposição à dicotomização entre corpo e mente, geralmente imposta pelo pensamento acadêmico eurocentrado. Para ela, professores devem estar atentos aos demais âmbitos de suas vidas, e não focados apenas no acadêmico, pois só através do autocuidado poderiam estar mais disponíveis para os alunos, através de uma pedagogia que favoreça o pensamento crítico dos estudantes.

A pesquisa etnográfica realizada por Hill (2014, p. 176) em uma escola pública no sul da Filadélfia, também indicou um caminho semelhante. O autor recorreu ao **hip-hop** em aulas de literatura, pensando este estilo musical como “lugares de pedagogias públicas e extraoficiais”, destacando em seu estudo que, à medida que o professor se colocava disposto a compartilhar suas fragilidades com os alunos, numa perspectiva voltada para a criação de um espaço de relações mais horizontalizadas, os alunos passavam a fazer o mesmo, favorecendo o que chama de “capacidade de transformar a sala de aula em um espaço mais seguro, democrático, produtivo e culturalmente sensível” .

No que se relacionou ao desconforto relatado sobre a ausência de algumas colegas no encontro anterior, foi considerado que poderia refletir angústias diante de outros “vazios” que a pandemia trazia: vazio de expectativas, de acolhimento, de gratificações entre outros. Ficaram reflexivas

por alguns instantes e, em seguida, prosseguiram relatando sobre como estavam lidando com o tempo, para onde direcionavam a atenção, ao “que” e “como” estavam vinculadas ficou mais relevante e passível de reflexão diante do cenário pandêmico.

Nesse cenário, destacaram o sentimento de culpa e em como o machismo acentuava esse sentimento entre as mulheres: culpa diante da maternidade, do papel que exerceria na sociedade e de como conciliariam trabalho fora de casa com trabalho doméstico. Por se ocuparem em pensar sobre estes fatores, demonstravam a presença marcante de estereótipos que oprimiam as mulheres. Falar sobre papéis de gênero, favoreceu uma reflexão sobre autonomia, machismo e o papel do autocuidado como ferramenta potente na desconstrução destas amarras sociais.

As tarefas domésticas e a maternidade foram concebidas historicamente como responsabilidades de exclusividade feminina, por serem atividades “invisíveis, repetitivas, exaustivas, improdutivas e nada criativas” (DAVIS, 2016 p. 225) deveriam ser incorporadas na economia industrial, para que mais ninguém perdesse tempo com isto. No entanto, por não oferecer lucratividade altamente relevante, tal medida não é do interesse do sistema capitalista, que não opera em mudanças significativas nesse sentido. Sendo assim, essas atividades permanecem a cargo das mulheres, sobrecarregando-as e impedindo que possam escolher livremente algo que faça mais sentido a elas.

No sexto encontro, abordaram novamente a relação com o tempo e a percepção sobre este, o cansaço diante do excesso de trabalho, as mudanças rápidas como, por

exemplo, a adaptação às aulas híbridas. As aulas híbridas foram foco de constante debate, por demandar muito tempo das professoras, uma vez que elas precisavam preparar três tipos distintos de aula sobre o mesmo tema: uma para os alunos que estavam presencialmente na escola, a segunda para quem estava frequentando as aulas em ambiente virtual e a terceira para aqueles que não podiam acessar a escola presencial ou virtualmente. Apontaram que a sensação de exaustão se intensificava devido a mudanças rápidas e que, estando reunidas no grupo, se sentiam amparadas, uma vez que era possível, também, refletir sobre a importância de diferenciar o “provisório” do “permanente” para não se sobrecarregarem ainda mais.

A comunicação também era um aspecto que emergia no grupo, e que muitas vezes era qualificada como um problema. Por vezes esta premissa era demonstrada no grupo através de desconfortos e atravessamentos durante os relatos: era comum que os relatos fossem interrompidos e que mudanças de assuntos que, às vezes, ocorriam naturalmente fossem pontuadas como falha na comunicação, embora se esforçassem para garantir que todas pudessem se expressar. Queixavam-se, também, que mesmo com o retorno parcial às atividades presenciais, sentiam falta de conversas mais “despreziosas”, ou seja, parecia que os espaços intersticiais não acompanhavam as mudanças rápidas da escola. Sendo assim, o trabalho híbrido era vivenciado como uma mistura de sentimentos: alegria, por poder voltar ao trabalho e resgatar/manter laços, e também exaustão, pois eram exigidas por mais tempo devido à mudança do método de trabalho.

Refletiram, também, sobre relações, conexões e estratégias para se fortalecerem diante daquele novo cenário. Observou-se um movimento no grupo em que cada professora buscava, ao seu modo, mostrar mais de si para as colegas. Estariam se movimentando com o intuito de assegurar a rede criada entre elas? Essa questão foi lançada ao grupo, que respondeu trazendo situações de embate vividas na escola. Seria um “sim”? Estariam dizendo que “sim, estamos tentando nos unir aqui, pois já há muitas forças que tentam nos separar”? E assim o grupo permanecia com uma dinâmica que buscava acolher as dúvidas e pensar soluções em conjunto.

O vínculo que as professoras desenvolveram com os alunos era um elemento central em suas práticas e apareceu no grupo. O isolamento provocava uma preocupação ainda maior com algumas situações. Embora fosse pertinente devido a questões socioeconômicas que atravessavam aquela comunidade escolar, observou-se que o grupo era composto por professoras que estavam, cada uma, ao seu modo, vinculadas aos alunos de modo a se sensibilizarem por questões que iam além das relações na sala de aula. Dessa maneira, compartilharam estratégias que construíram para alcançar alguns alunos que estavam mais prejudicados devido a pobreza.

A sensibilização das professoras quanto ao tema, favoreceu reflexões trazendo classe e raça, apontadas como duas chaves que possibilitavam uma compreensão mais aprofundada sobre a realidade dos alunos. Considerando o território onde a escola estava inserida – e que um número considerável de estudantes residiam na comunidade que circundava a escola – era

fundamental refletir como estes aspectos se interseccionavam, como, também, quais recursos dispunham para intervir e se era preciso mobilizar outros dispositivos além da escola.

Refletiram também sobre como a pandemia havia impulsionado a reavaliação das relações que estabeleciam com os seus pares na escola, os sentimentos que eram frequentes nessas interações e que, muitas vezes, se assemelhavam com a dinâmica dos alunos, como **bullying** e sensação de não pertencimento ao grupo, por exemplo. No entanto, à medida que o grupo avançava, as percepções diante do clima, na escola, foram se transformando. Algumas professoras, gradativamente, demonstraram uma sensação de pertencimento que poderia ser reflexo da construção engendrada no grupo e, também, da assimilação à escola e suas peculiaridades.

Com frequência, referiam-se ao grupo como um momento em que se organizavam para autorreflexão, de modo a incluir em suas rotinas aquele horário como um compromisso com elas mesmas. Essa ponderação foi ainda mais relevante ao considerar que o grupo era composto por mulheres, pois todas as professoras do grupo relatavam jornada dupla (trabalhavam em duas escolas ou trabalhavam na escola e em casa com afazeres domésticos). A homogeneidade quanto ao gênero das participantes possibilitou a reflexão sobre quais fatores estariam determinando este cenário: será que, justamente por estarem sobrecarregadas, elas procuravam ainda mais estes espaços? seria um cenário consequente do machismo, em que os homens não podem buscar apoio psicológico? Ou a junção destes e outros fatores?

Com o andamento do grupo percebeu-se que a pandemia e seus efeitos, tema inicial, foi ficando em segundo plano, as professoras foram trazendo com maior frequência, questões relacionadas à classe, raça e gênero, demonstrando que estavam imersas nestes conteúdos na escola e que também buscavam compreender estes marcadores sociais. Os relatos mostravam o quanto o assunto era complexo, havia modos distintos de lidar/pensar esses temas, o que favoreceu a troca de conhecimentos entre elas. Refletiram sobre autopercepção e colorismo³, pois havia no grupo três mulheres negras de pele clara. Também falaram sobre a percepção que tinham de outras culturas, especialmente na relação entre Sudeste e Nordeste. Nesse aspecto, falamos sobre distintas correntes de pensamento e a constante tendência eurocêntrica a hierarquizar as diferenças (SANTOS, 2020).

O foco em opressões de classe, raça e gênero se intensificou, coincidindo com a entrada de mais uma professora negra no grupo. O grupo parecia que estava fugindo do tema, mas, ao contrário estava se aproximando cada vez mais. Falava sobre violência de gênero, machismo, xenofobia e do genocídio da população negra. Pensou-se a sororidade como uma ferramenta para enfrentar o machismo no ambiente escolar e como estratégia de enfrentamento entre elas diante das opressões apontadas. A importância de enaltecer umas às outras em público e diante de situações em que

percebiam que o machismo estaria presente era, também, tão relevante quanto denunciar as opressões.

O encontro tornou-se ainda mais rico, pois havia mulheres das mais variadas idades, culturas e formações. Compartilhavam experiências vividas em outras escolas e intervenções que atendiam questões socioeconômicas dentro do limite do que a escola era capaz de promover. Refletiam sobre a possibilidade de importar tais medidas e dividiam as angústias. Além disso, as professoras que estavam na escola há mais tempo contavam sobre o contexto familiar de alguns alunos, o que ajudava as demais a refletir sobre determinados comportamentos e situações.

Conforme o grupo avançava, emergia a necessidade de recapitular o que havíamos alcançado, refletir sobre o que havia sido proposto até aquele momento e o direcionamento do grupo. A ideia de dialogar sobre o percurso do grupo era uma forma de tentar elaborar a angústia relacionada a mudanças repentinas, que eram relatadas e voltadas ao calendário escolar. Pensou-se os impasses causados ou acentuados pelo COVID-19, abordando como a pandemia havia impactado a vida dos alunos e da comunidade no entorno da escola: passamos por medidas que cada professora encontrou para atuar no sentido de minimizar alguns efeitos sociais causados pela doença, fosse mantendo doações na comunidade, como já acontecia antes da pandemia, ou disponibilizando o contato de WhatsApp pessoal para que pais e alunos pudessem contactá-las no intuito de diminuir os impactos do distanciamento, por meio de busca ativa de alunos que não compareciam virtualmente, pensando

3 Colorismo "(...)ou pigmentocracia, forma de discriminação baseada fundamentalmente na tonalidade da pele: quanto mais escura uma pessoa, mais discriminação e exclusão ela sofreria. (SILVA, 2017, p.09).

intervenções que foram utilizadas em outras escolas e que talvez pudessem ser replicadas. O que se observava naquelas mulheres era a dedicação com aquele ambiente: estavam lá mesmo no auge do distanciamento social.

Naturalmente, as reflexões caminharam para questões que impactavam professores e alunos: classe, gênero, raça, **bullying** e clima organizacional. No entanto, gradativamente respiros surgiam, sorrisos discretos e também já era possível adentrar em temas mais densos como, por exemplo, a introdução de um filme que relatava a pandemia do ponto de vista da cosmogonia **yorubá**.

Foram propostas, naquela etapa, reflexões sobre a conexão do humano com a natureza, variados tipos de conexões, a relação com o território em que estavam inseridas e suas particularidades o que, por vezes, era esquecido pelo poder público, diante da burocracia de uma docência que, em plena pandemia, era exigida quanto ao cumprimento de protocolos rígidos, como entrega de notas, conselhos de classe e todo um cronograma que parecia estar muito distante da realidade da escola virtual, especialmente quando se considerava que grande parte dos alunos não acompanhou a escola remotamente. Era importante não parar, mas a que custo? Continuariam como se nada tivesse acontecido? Esta dinâmica funcionaria com aquelas que mostravam que seu fazer estava imbuído de afetividade? A experiência aqui mostrou que, não fosse o vínculo, a entrega afetiva pelo trabalho que realizavam e uma série de dispositivos que essas mulheres descobriram e construíram, talvez o retorno ao presencial seria muito árduo.

O grupo possibilitou compreender a trajetória dessas professoras: como chegaram ali? Por que ali estavam? Quais fatores embasavam e fortaleciam a docência? Os espaços que foram retirados ou mesmo temporariamente suspensos faziam muita falta, fossem para dividir a receita de uma dieta nova, fossem para desabafar sobre as agruras da docência.

No último encontro, algumas docentes relatavam que tinham a sensação de que o clima na escola estava melhor: mudou o clima ou eu que mudei? Perguntavam-se. Mesmo em relações mais turbulentas, algumas professoras haviam adotado uma postura de enfrentamento. Diziam também que a sensação de pertencimento era mais intensa do que a sensação de desagregação, relatada com frequência no grupo. Outra elaboração que parece ter sido possível foi sobre o destino das angústias, pois perceberam que era preciso falar sobre o incômodo do autoconhecimento como ferramenta que possibilitaria as demais mudanças. E também se perceberem como sujeitos, e assim, se sentirem capazes de agir sobre a situação da qual se queixavam. Havia também o relato que ressaltava a importância de continência, pertencimento naquele momento, onde o caos de fora não poupava o caos pessoal.

A sensação de conexão foi apontada também como um saldo positivo do grupo. Sentiam que, aos poucos, iam pertencendo àquele local, além de se aperceberem que já havia uma sensação de isolamento mesmo antes da pandemia. Estarem ali reunidas favoreceu também a resistência diante de um espaço em que alguns se opunham, justamente, ao projeto de pesquisa, por julgarem a temática “desinteressante”.

Uma das falas no último encontro é a de que a psicóloga “costurava, ou melhor, chuleava. Uma costura tão bem-feita que o avesso também estava bonito” e, a partir dessa fala, destacaram que a experiência que tiveram assemelhava-se à construção de uma “colcha de retalhos”, onde cada uma com sua peculiaridade compunha o todo. A colcha de retalhos também remetia à ideia de um lugar para onde olhar quando as coisas pareciam perder o sentido. Representava, também, uma construção simbólica desse grupo, tecida artesanalmente em meio à permanente desconstrução unindo partes, porém, sem que fosse necessário diluí-las no todo. Observamos também que algumas queixas apontadas pelas professoras de modo individual serviam para descrever o sentimento do grupo e no grupo, como a queixa diante do vazio relacionado às expectativas diante da pandemia e o vazio relacionado à “ausência” de pessoas naquele grupo quando se referiam aos demais professores que permaneciam em atividade na escola mas que não aderiram ao grupo. Finalizamos os encontros com a canção *Um novo tempo*, de Ivan Lins, apresentada por uma professora levou e que para ela simbolizava o trabalho feito no grupo e os votos para o futuro.

Considerações finais

Destacamos a potência dos espaços de trocas, que não só oferecem a possibilidade de elaborar conflitos pontuais, refletir papéis, como estratégia de enfrentamento à pandemia, mas também favorecem a discussão de questões críticas relacionadas ao

fazer do docente em seu cotidiano, ressaltando a atuação do psicólogo escolar como um facilitador/mediador desses espaços.

É sabido que a pandemia causa impactos na saúde, na economia, na educação e em todos os setores da vida. Impactos que lidaremos a curto, médio e longo prazo. Dessa maneira, a atuação da psicóloga se deu de modo a propiciar o diálogo entre as professoras, especialmente durante o distanciamento social e virtualização das atividades escolares. A troca entre as professoras reforçava o vínculo preexistente e o senso de comunidade escolar, que havia sido seriamente afetado com a pandemia.

No tocante à saúde mental dos professores, discutimos o texto *Pedagogia Engajada*, de bell hooks (2013) com o objetivo de introduzir o tema junto às professoras. Foi enfatizado que o autocuidado não anularia a possibilidade de cuidar dos alunos, preocupação central da maioria das professoras.

Foi possível refletir sobre classe, raça e gênero, além de fatores econômicos que permeavam a comunidade escolar e se acentuaram com o advento da pandemia. A questão de gênero ficou evidenciada quando observamos que apenas professoras participaram, embora todas estivessem em dupla jornada, ainda assim estiveram presentes e participantes nos encontros. Classe e raça foram temas abordados conforme se pensava sobre a realidade dos alunos e os impactos na escola, compreendendo que opressões também estavam presentes na vida das professoras e seus pares. Embora a escola estivesse engajada através da elaboração de atividades com os alunos abordando violência de gênero,

a experiência no grupo revelou que eram temas que necessitavam de aprofundamento evidenciando, novamente, a relevância do Psicólogo Escolar atento a tais demandas.

O grupo de escuta analiticamente orientada também revelou outros aspectos na escola que necessitariam de intervenção: a comunicação entre os pares, por exemplo, era uma queixa frequente e tinha ainda mais notoriedade diante das mudanças rápidas impostas pela pandemia. A partir da escuta dessas professoras também foi possível acessar a dinâmica daquele território e, com isso, colaborar para possíveis intervenções na escola e na pesquisa.■

[EDCLAY LINDOANNA OLIVEIRA DE MELO]

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, psicóloga pesquisadora vinculada ao grupo de pesquisa “Raça, gênero, etnomatemática e culturas afro-brasileiras - relações étnico-raciais e diversidade de gênero na construção de uma epistemologia afro-brasileira e feminista nas escolas públicas de São Paulo”, coordenado pela Profa. Dra. Mônica Guimarães Teixeira do Amaral. E-mail: edclaymelo@gmail.com

Referências

AMARAL, M. G. T. **O que o rap diz e a escola contradiz**: um estudo sobre a arte de rua e a formação da juventude na periferia de São Paulo. São Paulo: Alameda, 2016.

BLEGER, J. **Temas de psicologia**: entrevista e grupos. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FUSTIER, P. **L'interstitiel et la fabrique de L'équipe**. Nouvelle revue de psychosociologie 2012/2 n° 14 | pages 85 à 96. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-nouvelle-revue-depsychosociologie-2012-2-page-85.htm>. Acesso em: 27 set. 2021.

HILL, M. L. **Batidas, rimas e vida escolar**: pedagogia *hip-hop* e políticas de identidade. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

HOOKS, B. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Trad. Catia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir** - a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MANTOVANI, A. Grupos de apoio amplo: ancoragem e apoio psicológico em grupos terapêuticos. **Revista da SPAGESP** - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo Jul.-Dez. 2008, V. 9, No. 2, pp. 29-38. Disponível em: Grupos de apoio amplo: ancoragem e apoio psicológico em grupos terapêuticos (bvsalud.org). Acesso em: 10 set. 2021.

MUSZKAT, S.; WARCHAVCHIK, I. H.; GOMES, M., A.; Como receber o outro: a escuta psicanalítica na clínica extramuros - Fevereiro 2019 v. 1 n. 5. I **Simpósio Bienal SBPSP** - O Mesmo, O Outro - Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/como-receber-o-outro-a-escuta-psicanalica-na-clnica-extramuros-30443>. Acesso em: 15 de set. 2021.

OLIVEIRA, V. H. N. Desafios para a pesquisa no campo das ciências humanas em tempos de pandemia da COVID-19. **Revista eletrônica**. Ano III | Volume 5 | N° 14 | Boa Vista | 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.5281/zenodo.4513773> Acesso em: 04 set. 2021.

PICHON - RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

RIBEIRO, E.; PEREIRA, A. R.; GONÇALVES, M. M.; SAMPAIO, A. Impacto psicológico da pandemia em estudantes universitários e a Linha de Apoio Psicológico SOS COVID-19 (APsi-Uminho e EPsi) In: MARTINS, M.; RODRIGUES E. **Revista eletrônica** - A Universidade do Minho em tempos de pandemia: Tomo II (Re)Ações. Uminho Editora. 2020 Disponível em: <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.24.2>. Acesso em: 5 out. 2021.

SANTOS, B. S., **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul, Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SILVA, A.V.; ARAUJO, D. M; NEGREIROS, F. O congresso nacional brasileiro no contexto da pandemia de covid-19: análises a partir da Psicologia Escolar Crítica In: NEGREIROS, F.; FERREIRA, B. O.; Cols. **Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?**. São Paulo: Pimenta cultural, 2021.

SILVA, J.B. in AMARAL, M., REIS, R., SANTOS, E.C.M., DIAS, C. (orgs.). **Culturas ancestrais e contemporâneas na escola - novas estratégias didáticas para a implementação da lei 10639/2003**. São Paulo: Alameda , 2018.

SILVA, .T.M.G.S. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. **Revista eletrônica de direito da UNIFACS** - Universidade de Salvador. Mar.2017, n°201, Disponível em < <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4760/3121>> . Acesso em: 10 set. 2021.

WANG, J., WANG, J. X.; YANG, G. S. The Psychological Impact of COVID-19 on Chinese Individuals. **Yonsei medical journal**, 2020. 61(5), 438-440. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.3349%2Fymj.2020.61.5.438> Acesso em: 05 de out. 2021.